



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**A CIDADE DE PARIS DO SÉCULO XVIII, A PARTIR DO PLAN
TURGOT (1739)**

GUILHERME COCENZA SILVA

**MARIANA
2025**

GUILHERME COCENZA SILVA

**A CIDADE DE PARIS DO SÉCULO XVIII, A PARTIR DO PLAN
TURGOT (1739)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito necessário para a obtenção do Grau
de Bacharel em História.

Orientador: Dr. Daniel Wanderson Ferreira

**MARIANA - MG
2025**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586c Silva, Guilherme Cocenza.

A cidade de Paris do século XVIII, a partir do Plan Turgot (1939).
[manuscrito] / Guilherme Cocenza Silva. - 2025.
36 f.: il.: mapa.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Paris. 2. Construção civil - Urbana. 3. Cartografias. I. Ferreira, Daniel
Wanderson. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(44):711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Guilherme Cocenza Silva

A cidade de Paris do século XVIII, a partir do Plan Turgot (1734-1939)

Monografia apresentada ao Curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovada em 09 de março de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre João Marcelo Struchi Bebiano de Amorim - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

O Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/06/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Wanderson Ferreira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/06/2026, às 23:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1123652** e o código CRC **699E67A8**.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Zilma e irmã, Gabriela que me apoiam nos estudos mesmo possuindo diversas dificuldades. Aos meus grandes professores que me mostraram uma possibilidade de buscar autoconhecimento por meio de uma trajetória acadêmica. Agradeço aos amigos conquistados durante a trajetória acadêmica, que foram importantes tanto para os ensinamentos do modo de como funciona a instituição de ensino quanto às suas companhias para vida. Meu sincero reconhecimento pelo trabalho e atenção educacional feito pelo meu orientador Daniel Wanderson Ferreira durante essa jornada de se tornar um profissional da área de História.

RESUMO

A pesquisa presente tem como objetivo a representação de uma análise histórica sobre a construção da cidade de Paris do século XVIII. Com base na cartografia intitulada Plan Turgot, esse trabalho acadêmico demonstra uma observação crítica da constituição de uma cidade em moldes modernos. As questões postas nas páginas seguintes se desenvolvem em torno do processo histórico de como o ser humano conseguiu construir cidades de grandes portes e às quais se tornam o modelo dos imensos centros urbanos pelo mundo. Com um recorte de meados do século XVIII, e pegando especificamente a cidade de Paris, vamos observar de forma crítica as causas e as ações que levaram as construções urbanas no território parisiense. O que instiga essa pesquisa se refere a qual imagem histórica da cidade de Paris dos oitocentos podemos revelar com certa precisão analítica. Nesse sentido, vamos trabalhar cientificamente para descrever as condições e os fatores que contribuíram para as modificações do corpo de uma cidade. Pegamos uma imagem precisa da cidade parisiense do século XVIII para ver como se comportavam as construções urbanas antes dos séculos XIX. Historicamente, queremos construir uma crítica capaz de caracterizar a cidade em função dos objetivos arquitetônicos urbanos.

Palavras chaves: cidade de Paris, construções urbanas e cartografias.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à présenter une analyse historique de la construction de la ville de Paris au XVIII^e siècle. Basé sur la cartographie intitulée Plan Turgot, ce travail académique démontre une observation critique de la constitution d'une ville dans les moules modernes. Les questions posées dans les pages qui suivent tournent autour du processus historique par lequel l'être humain est parvenu à construire de grandes villes qui sont devenues le modèle d'immenses centres urbains dans le monde entier. En nous concentrant sur le milieu du XVIII^e siècle, et plus particulièrement sur la ville de Paris, nous jetterons un regard critique sur les causes et les actions qui ont conduit à la construction urbaine à Paris. Ce qui motive cette recherche, c'est l'image historique de la ville de Paris dans les années 1800 que nous pouvons révéler avec une certaine précision analytique. En ce sens, nous travaillerons scientifiquement pour décrire les conditions et les facteurs qui ont contribué aux changements dans le corps d'une ville. Nous prenons une image précise de la ville parisienne du 18^e siècle pour voir comment les constructions urbaines se sont comportées avant le 19^e siècle. Historiquement, nous voulons construire une critique capable de caractériser la ville en fonction de ses objectifs architecturaux urbains.

Mots clés : ville de Paris, constructions urbaines et cartographies.

LISTA DE IMAGENS

Plan Turgot (1734-1739), vista geral com traçado dos limites na <i>Rive Gauche</i>	p.17
Plan Turgot (1734-1739), detalhe.....	p.18
Limites dos bairros de Paris em 1744.....	p.19
Detalhe de brasão e apresentação do Plan Turgot.....	p.28
Plan de la Tapisserie et Plan Turgot.....	p.30

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo I.....	14
As imagens de Paris em meados do século XVIII.....	14
1.1 A cidade em meados do século XVIII.....	14
1.2 - O processo das mudanças urbanas na cidade de Paris no século XVIII.....	20
1.3 - Os motivos para alteração do corpo da cidade.....	23
Capítulo II.....	25
A produção do Plan Turgot.....	25
2.1 - O contexto da produção do Plan Turgot.....	25
2.2 O Plan Turgot.....	26
Considerações finais.....	32
Fontes e referências bibliográficas.....	34
Fontes.....	34
Referências bibliográficas.....	34

Introdução

A história de Paris remonta a um longo período que se estende desde a antiguidade. Porém, nosso interesse aqui não é fazer uma genealogia do processo de construção da cidade, trazendo à tona uma história cartográfica ou urbanística da cidade. Nosso objetivo é apresentar, em linhas gerais, as formas de representação da cidade de Paris que a constituíam como imagem, em meados do século XVIII. Para escrever sobre uma imagem da cidade nesse período é importante destacar de qual Paris estamos escrevendo, pois existem diversas imagens da cidade no século XVIII. Dito de outro modo, ao longo do século XVIII, a cidade de Paris passou por sucessivas reformas urbanas, sobretudo em função do alto índice de insegurança e da insalubridade decorrente do adensamento populacional.¹ Em 1714, 1733, e sobretudo entre 1734 e 1739, com o Plan Turgot, ampliaram-se os esforços para modernizar a cidade a fim de que ela, segundo planejamento cuidadoso, se tornasse mais limpa, segura e administrável. Para analisar a cidade do início do século XVIII aos seus meados, a cartografia urbana preparada por especialistas da época, com o intuito de demarcar modificações urbanas por projetos sociais, pode ser um meio para se estudar esse processo de transformação e planejamento urbano.

O Plan Turgot delimita as modificações das ruas da cidade e a marcação populacional de Paris do século XVIII. Podemos observar as nuances entre as imagens cartográficas e imaginar visualmente as modificações feitas no corpo urbano da cidade. Diante de mapas tácticos que desempenham o papel de uma engenharia arquitetônica da cidade, para fazer reparos sanitários, de transporte e mesmo a marcação de ambientes públicos, podemos entender como se desenrolaram e recriaram as formas de relação com o espaço urbano.

Na Iniciação científica, fomentada pela Universidade Federal de Ouro Preto, em projeto intitulado “A construção plural do espaço social urbano, político e administrativo: Um estudo sócio-histórico de Paris no século XVIII”, buscamos aproximação de como se deu, em Paris, de 1714 a 1800, essas medidas de planejamento urbano e como elas resultaram

¹ FERREIRA, Daniel Wanderson. **A construção plural do espaço social urbano, político e administrativo: Um estudo sócio-histórico de Paris no século XVIII**. Projeto de Iniciação Científica. Edital 11/2024/ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação/UFOP. Ouro Preto: UFOP, 2024.

em estudos parciais, que se dirigiam à catalogação detalhada de imóveis, quarteirões, vielas e pontes, bem como em estudos mais amplos que se dedicaram à apresentação da cidade em suas áreas muradas e externa. Contrariando, portanto, a noção de uma grande reforma modernizadora em Paris como processo administrativo e centralizado por Haussmann no Segundo Império, buscamos tomar Paris, a partir do Plan Turgot como objeto de análise e modelo para novas abordagens sobre cidades e dinâmicas urbanas, deixando claro o equívoco em se reduzir a lógica da vida na cidade e seu cotidiano aos termos jurídico-políticos e, principalmente, centrando a noção de que a cidade seria uma construção político-administrativa².

Assim, faz-se fundamental uma investigação que, ao tomar Paris como objeto, busque compreender o repertório dessa cartografia parcial e global do espaço urbano, os planos e debates que as constituíram, bem como as práticas cotidianas que, entre 1714 e 1800, delimitaram e provocaram os constantes remodelamentos do espaço social urbano. Para tanto, a partir de mapas urbanísticos, textos relacionados a esses mapas e planos de intervenção urbana tentamos identificar os parâmetros que delimitam a ideia de espaço na cidade. Buscamos lidar com a identificação do espaço em sua relação social e política, e a composição das práticas sociais que constituíram a vida ordinária parisiense ao longo do século XVIII. De modo mais circunscrito, a partir do Plan Turgot (1734-1739), essa operação de cartografia dá a ver o espaço plural de sociabilidades e identidades políticas parisienses diante de uma política de planejamento urbano ou social-urbano. Liga-se ainda ao esforço pela compreensão da malha urbana segundo lógica dinâmica, social e historicamente constituída.

Os estudos sobre cidades tendem a focar cada vez mais em paradigmas ligados às novas demandas de sustentabilidade e impactos sociais.³ Mantêm-se em perspectiva as discussões sobre o caráter humano que atravessam os estudos sobre a cidade em sentido mais amplo. Como afirma Klein, a qualidade da cidade está ligada ao seu caráter social, humano e aos aspectos políticos de experiências diversas.⁴ A história, nesse sentido, mostra-se como disciplina fundamental para auxiliar nas discussões de remodelamento do espaço em conexão com as dinâmicas sociais, sobretudo quando as reformas urbanas são postas em perspectivas.

² FERREIRA, Daniel Wanderson. **A construção plural do espaço social urbano, político e administrativo: Um estudo sócio-histórico de Paris no século XVIII**. Projeto de Iniciação Científica. Edital 11/2024/ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação/UFOP. Ouro Preto: UFOP, 2024.

³ COUSSI, O. La *Smart City* comme nouveau mythe rationnel de l'intelligence territoriale, **Droit et Ville**, vol. 93, no. 1, p. 177-201, 2022.

⁴ KLEIN Olivier, L'urbain et l'humain, **Constructif**, 2022/3 (Nº 63), p. 4-5.

O que se deixa ver são as possibilidades de se uma avaliação sócio-histórica e, tomando-a como ponto de partida, perceber nossas dimensões de reconfiguração do espaço e intervenção no presente.⁵ Nos estudos sobre Paris, essa tendência de ver a modernização social urbana ocorrida entre 1853 e 1870, quando das reformas conduzidas pelo Barão Haussmann acabam apontando para a ênfase do aspecto sanitarista e a reconfiguração da cidade no século XIX.⁶ Como resultado, pouco se estuda sobre como a cidade já vinha se modernizando ao longo do século XVIII.

Por meio de uma inversão de momentos distintos, a análise sobre Paris no século XVIII pode nos levar a entender o processo de alteração física da cidade como uma organização espacial mais complexa e com a relevância de variados momentos para construção de uma cidade no estilo moderno. Concordando com Françoise Choay, análises que fazem inversão de caminho conduzem à noção mais precisa de que o espaço urbano não é uma construção de unidade, mas uma dinâmica viva e ampla de engendramento do espaço e do mobiliário urbano como lógica política de percurso, afeto e ocupação pluralmente determinada pelos agentes sociais.⁷ É nesse sentido e buscando pensar esses planejamentos de Paris ao longo do século XVIII que vemos a cidade como o local da dispersão, espaço delineado como uma cartografia plural e multifacetada.

Dentro de nossas técnicas de pesquisa, reconhecemos dois modelos para referenciar nossa análise. As observações das regras e os modelos das construções dos edifícios de uma cidade desenvolvida por Françoise Choay, assim como nas observações das cidades como sociedades pedras ou carnes de Richard Sennett parecem-nos deixar pistas de modos como podemos pensar em observar o espaço urbano.⁸ De acordo com Choay, a cidade pode ser assimilada a uma grande casa, e a casa também pode ser comparada a uma pequena cidade, pois o que as estruturam são as mesmas regras. As regras de organização das construções nos levam a entender comportamentos distintos de se relacionar com o espaço. A observação do território parisiense como funcionamento de uma casa é uma forma analítica de comparar a separação das funções das partes constituintes do corpo arquitetônico. Cada cômodo ou bairro é traçado por uma lógica que leva o funcionamento da vida urbana, da vida em comunidade. Com isso, a forma como o ser humano cria e se relaciona com os espaços é um

⁵ CHOAY, F. **Por uma antropologia do espaço**. Paris: Seuil, 2006.

⁶ CHOAY, F, GAUTHIER, V St-M. **Haussmann, conservateur de Paris**. Paris: Actes Sud, 2013.

⁷ CHOAY, F. **A regra e o modelo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

⁸ SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro:ABDR, 1997; CHOAY, F. **A regra e o modelo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

comportamento próprio a um certo tempo e uma específica racionalidade. Dentro desses saberes, conseguimos captar uma imagem de um cotidiano diferente, de alcançar sociabilidades distintas em inúmeros lugares e épocas. A cidade sendo descrita em cartografias envolve um imaginário e uma racionalidade capaz de representá-la.⁹ A cartografia de Paris, sobretudo com relevância ao Plan Turgot, por essa perspectiva, nos lança luz sobre as preocupações existentes em relação ao espaço do território. A forma de pensar os espaços nas cidades nos auxilia a entender aspectos importantes que constituem a urbanização pré revolucionária. O modo como as pessoas pensam na cidade designa uma certa forma de viver.

Choay faz ainda comparação entre o edifício-corpo e corpo-humano e vê como o comportamento de edificações e dos homens possuem lógicas de distribuições espaciais. A base arquitetônica, ressalta Choay, vinda do final do século XIV, *o de re aedificatoria*, produzida por Alberti, revela três regras básicas a serem estabelecidas na construção de um edifício. De acordo com essas limitações, favorece-se a sobrevivência do homem na sociedade segundo regras básicas arquitetônicas: a necessidade, o conforto e o prazer. Dentro de um quadro estabelecido por uma lógica arquitetônica, podemos observar que, ao distribuir diferentes partes de um mesmo edifício, o arquiteto passa a trabalhar em uma analogia entre corpo humano e corpo-edifício. Ele distribui os espaços em uma mesma lógica da conjuntura corporal humana, pois a finalidade da criação é voltada à satisfação das questões ligadas à vida humana. A partir desse modelo corporal humano e suas redistribuições das partes do corpo, o arquiteto distribui funções espaciais do edifício de acordo com uma lógica comparativa. Entendendo o edifício como um corpo, os construtores, além de produzirem casas, prédios e praças, contribuem para a redistribuição de funções nos espaços sociais. Desse modo, ao mudar sua relação com o espaço, o ser humano muda, também, a si mesmo, simultaneamente.¹⁰

Em Richard Sennett, essa analogia de construção do espaço urbano e do corpo humano também abre-nos possibilidades para pensar no recorte da cidade de Paris, a qual tomamos como objeto de estudo. Ele argumenta que existe uma analogia direta entre estrutura urbana e a do corpo humano, ainda que concebendo o organismo como uma cidade diferente, de temperaturas e inquietações desiguais. O espaço que forma uma estrutura arquitetônica se constrói na relação dos modos como se dá o entendimento de corpo humano.

⁹ CHOAY, F. **A regra e o modelo**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 233.

¹⁰ CHOAY, F. **A regra e o modelo**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p.190 e seguintes.

Há um jogo de superfícies que modela o espaço ao redor. Os movimentos sociais e a forma de vivenciar o cotidiano constroem a sociedade a partir de planos logísticos e, como resultado, podemos observá-lo nos trabalhos das cartografias.¹¹ O Plano Turgot, assim compreendido, é um projeto vinculado a uma lógica que se pauta pelo corpo humano em suas necessidades, daí a imagem que podemos ver e conceber desse plano a partir do viés sanitário. Ele marcaria as modificações e a reformas dos esgotos, com intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores. Esse fator pode deixar pistas das formas como a população estava entendendo seus corpos, pois as preocupações eram de que a saúde dos corpos deveria ser o elemento de grande relevância nas construções dos lugares da cidade. A passagem do vento, a cobertura dos esgotos e a delimitação de modelos para construção de casas, apartamentos e lojas exige um certo tipo de organização do espaço do corpo urbano. O corpo humano sendo visto como algo a ser cuidado, nas preocupações de certos grupos, fez com que as reformas fossem de acordo com esses requisitos.

Sennett afirma, ainda, que dois conceitos são importantes para entendermos os tipos de sociedade existentes. Esses conceitos se manifestam como sociedades de caráter pedra e as sociedades de caráter carne. As sociedades de pedras comportam, por um lado, cidades em que sua organização espacial urbana está atrelada basicamente na manutenção de um ambiente que não toma como ponto de partida de desenvolvimento o ser humano que ali vive. A finalidade das cidades de pedras tem como pressuposto uma administração urbana voltada a outros fins que não sejam os interesses das múltiplas pessoas que convivem, dando privilégios a aspectos desse meio como os aspectos de produção e circulação de mercadorias e pessoas como meio de desenvolvimento das práticas econômicas. Por outro lado, as sociedades de carne se encontram no oposto desse movimento: elas comportam uma organização urbanística em favor das necessidades de sobrevivência da própria população, lidando, sobretudo, com os elementos humanos e sociais. As necessidades das pessoas são postas à frente na administração espacial da cidade.¹² Assim, para nossa pesquisa dar cores à imagem da cidade de Paris do século XVIII, a qual estudamos, podemos acrescentar um questionamento: qual o conceito de sociedade a cidade Paris do século XVIII produzia para si naquele momento?

Nesse contexto, retomamos que o objetivo desta pesquisa envolve a identificação das linhas de força da cartografia como modelo social, tomando o Plan Turgot como objeto que nos permite compreender as formas de vivenciar o espaço urbano de Paris, entre 1734 e 1739.

¹¹ SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Rio de Janeiro:ABDR, 1997.

¹² SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Rio de Janeiro:ABDR, 1997.

A partir da leitura de Françoise Choay e Richard Sennet, este trabalho propõe uma análise do corpo urbano como constituinte de um processo histórico, observando o espaço urbano e entendendo as possibilidades de relações entre a forma de organização do desenho e o uso do espaço. Haveria entre a imagem planejada e a vida certo direcionamento possível de experiências? Em que medida a organização da cidade em mapa constitui um mecanismo de aproximação significativo da representação do espaço e, principalmente, das formas de constituição da vida na cidade? Se retomar a cartografia de Paris produzida entre 1714 e 1800 implica lidar com a própria dimensão da construção dos estudos cartográficos e urbanísticos franceses e parisienses, recortar e analisar o Plan Turgot, produzido entre 1734 e 1739, abre-nos a possibilidade de refletir sobre a construção mais concreta da representação cartográfica urbana em uma relação com as experiências na cidade e os jogos de poder que atravessam nas disputas entre a gestão municipal e a vida social. O mapa, de certa forma, representa o espaço; ao mesmo tempo, ele o constitui, criando um olhar da sociedade sobre si mesma.

Capítulo I

As imagens de Paris em meados do século XVIII

“Os bairros são a célula base para muitos aspectos da vida parisiense.”

Daniel Roche

1.1 A cidade em meados do século XVIII

Assim como em qualquer tempo e lugar, dependendo do ângulo observado, existem várias versões e imagens diferentes da cidade de Paris do século XVIII. Sobre esse período, há muitas descrições de viajantes, administradores e da própria população sobre a grande cidade. Ao longo do século XVIII, principalmente nos meados do século, a paisagem urbana da cidade foi transformada por uma sucessão de empreendimentos ligados a ordens reais ou de iniciativas individuais. Para se ter um julgamento e uma breve introdução da imagem da cidade, Yvan Combeau, ao discutir a história de Paris, retoma Mercier em seu texto escrito por volta de 1780. Ao escrever sobre esse aglomerado urbano em desenvolvimento, Mercier afirma:

“Você quer julgar Paris fisicamente? Suba as torres de Notre Dame. A cidade é redonda como uma abóbora; o gesso que forma os dois terços materiais da cidade, e que é branco e preto, anuncia o que está subindo dessas inúmeras chaminés e esconde dos olhos os topos pontiagudos dos campanários; é como se uma nuvem estivesse se formando sobre tantas casas, e a transpiração dessa cidade é por assim dizer palpável.”¹³

Aproximadamente em 1780, Mercier declara também que já haviam sido feitos dez planos cartográficos para representar a cidade de Paris e, apesar disso, a cidade continua a

¹³ “Voulez-vous juger Paris physiquement? Montez sur les tours Notre-Dame. La ville est ronde comme une citrouille; le plâtre qui forme les deux tiers matériels de la ville, et qui est tout à la fois blanc et noir, annonce qu'elle est bâtie de craie, et qu'elle repose sur la craie. La fumée éternelle qui s'élève de ces cheminées innombrables dérober à l'œil le sommet pointu des clochers; on voit comme un nuage qui se forme au-dessus de tant de maisons, et la transpiration de cette ville est pour ainsi dire sensible”. (tradução pessoal). Mercier apud COMBEAU, Yvan. **Histoire de Paris**. Paris: PUF, 1999, pp.46-47. Esclarecemos ainda que o referido texto consta em **Tableau de Paris** em 1790.

transbordar de suas fronteiras.¹⁴ Os limites do tamanho territorial ainda não estavam fixados e, também não podem sê-lo, pois o crescimento populacional invadia as fronteiras dos espaços aos redores da cidade. Os locais que produziam legumes e criavam animais davam lugar aos edifícios, modificando o próprio espaço e a lógica de composição de Paris. Em um estudo sobre a população de Paris no período do século XVIII, Daniel Roche reconhece que a planta com maior precisão geométrica foi feita em 1785-1790 pelo engenheiro Verniquet.¹⁵ Neste período do final do século XVIII, a necessidade de construir uma planta geométrica com detalhes minuciosos é determinada pelo crescimento reclamado pelas elites da região parisiense. No entanto, esse resultado cartográfico tem base constituída a partir de trabalhos de antecessores, como o Plan Turgot e sua capacidade visual da cidade. Diante disso e em razão da alta qualidade representativa, entendemos a importância do Plano Turgot para lidar com a imagem de Paris, sobretudo considerando a geometria e a estrutura que ele deixa ver da cidade em meados do século.

Se, segundo Daniel Roche, “é a rua que ordena o habitat, e não o inverso”,¹⁶ é importante lidar com o modo de organizar os espaços das ruas, vendo-os como traçados que delimitavam as possibilidades de sociabilização dentro de Paris de então. De acordo com Yvan Combeau, na Paris do século XVIII, existiam paralelamente 16 bairros. A cidade era cortada em setores distintos. Há os bairros e os quartéis das polícias dividindo os espaços. Os 16 bairros são: 1- Notre Dame; 2-Saint-Germain-l’Auxerrois; 3-Saint-Innocents; 4-Saint Honoré; 5-Saint-Eustache; 6-Saint Jacques et l’Hospital; 7-Saint Jacques de la Boucherie; 8-Saint-Sépulcre; 9-Saint-Martin; 10-De la Grave; 11-Cimetière Saint Jean; 12-Du temple; 13-Saint Gervais; 14-Saint Antoine; 15- Saint Geneviève; e 16- Saint-Séverin.¹⁷

Farol de um mundo urbano, a vastidão de Paris se afirmava por sua intensa circulação de homens e de coisas. Sua massa demográfica já era vista, no século XVIII, como um espetáculo monumental. A questão dos limites de Paris e da divisão entre cidade e subúrbio era uma preocupação constante para as autoridades reais, que temiam esse crescimento anárquico e o aumento da população. No entanto, os decretos reais não foram suficientes para interromper, ou mesmo desacelerar, essa expansão para os arredores da cidade. Nesse sentido, as faces das ruas mudaram. Ao longo do século XVIII, a paisagem urbana da cidade também

¹⁴Mercier apud COMBEAU, Yvan. **Histoire de Paris**. Paris: PUF, 1999, p.47. A questão é saber quais as datas dos dez planos?

¹⁵ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.40.

¹⁶ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**, São Paulo: EDUSP, 2004. p.147.

¹⁷ COMBEAU, Yvan. **Histoire de Paris**. Paris: PUF, 1999, pág 32.

foi transformada por uma sucessão de ações ligadas a ordens reais, iniciativas individuais ou ao gabinete da administração da cidade. As placas indicavam o nome da rua e cada casa passou a ser identificada por um número. Os subúrbios com populações e atividades diferentes converteram-se no lugar de extensão dos bairros. O centro foi, ao mesmo tempo, desencravado e posto sob controle, considerando que as novas divisões permitiram uma representação com maior qualidade das avaliações urbanas nos concelhos da cidade. Os novos edifícios se estendem ao longo dos eixos principais e as ruas se prolongam em orientação ao campo. Ao sul da cidade, os bulevares são urbanizados no vazio de um espaço em grande parte rural, por meio de cercas e dos terrenos cultiváveis. Grandes loteamentos começam a preencher na maior parte as soluções de continuidade do tecido urbano. Por ser um centro urbano de grande concentração de habitantes, a cidade tinha altas dificuldades de abastecimento e vigilância.¹⁸

Em *Traité de la police*, o comissário Delamare descreve, em 1715, que ele se viu obrigado a lidar com os lugares que haviam permanecido vagos na cidade, e também que diversas ruas foram prolongadas e outras recentemente abertas.¹⁹ É claro que havia limites nas construções urbanas, porém, isso não impediu o crescimento de Paris.²⁰ Desse modo, podemos intuir que a cidade continuou a crescer indiferentemente aos desejos da polícia que gerenciava a ordem pública e aos desejos de controle da aristocracia parisiense.

Apesar de possuímos um acervo cartográfico razoável sobre a cidade de Paris do século XVIII, não conseguimos identificar uma imagem que contenha, com grande precisão, a separação e a distribuição dos bairros no território. Muitos registros cartográficos da cidade desapareceram durante a grande revolução do final do século XVIII e começo do século XIX. Após o período revolucionário, 1789, a população em altos níveis de revolta, destruíram boa parte de documentos que a cidade registrava, como as cartografias, os testamentos de propriedades e os planos urbanísticos de construção dos edifícios. Porém, temos como imagem representativa da cidade o Plan Turgot, que por sua capacidade visual amplamente destacada, pode nos mostrar a cidade tanto em ângulo horizontal como na vertical, a extensão e os limites do terreno.

Diante disso, traçamos uma imagem da cidade a partir do resultado do trabalho do Plano Turgot (1734-1739). Neste retrato da cidade, encontramos o limite onde as muralhas seguravam o crescimento do corpo urbano (imagem 1). As muralhas não são mais as

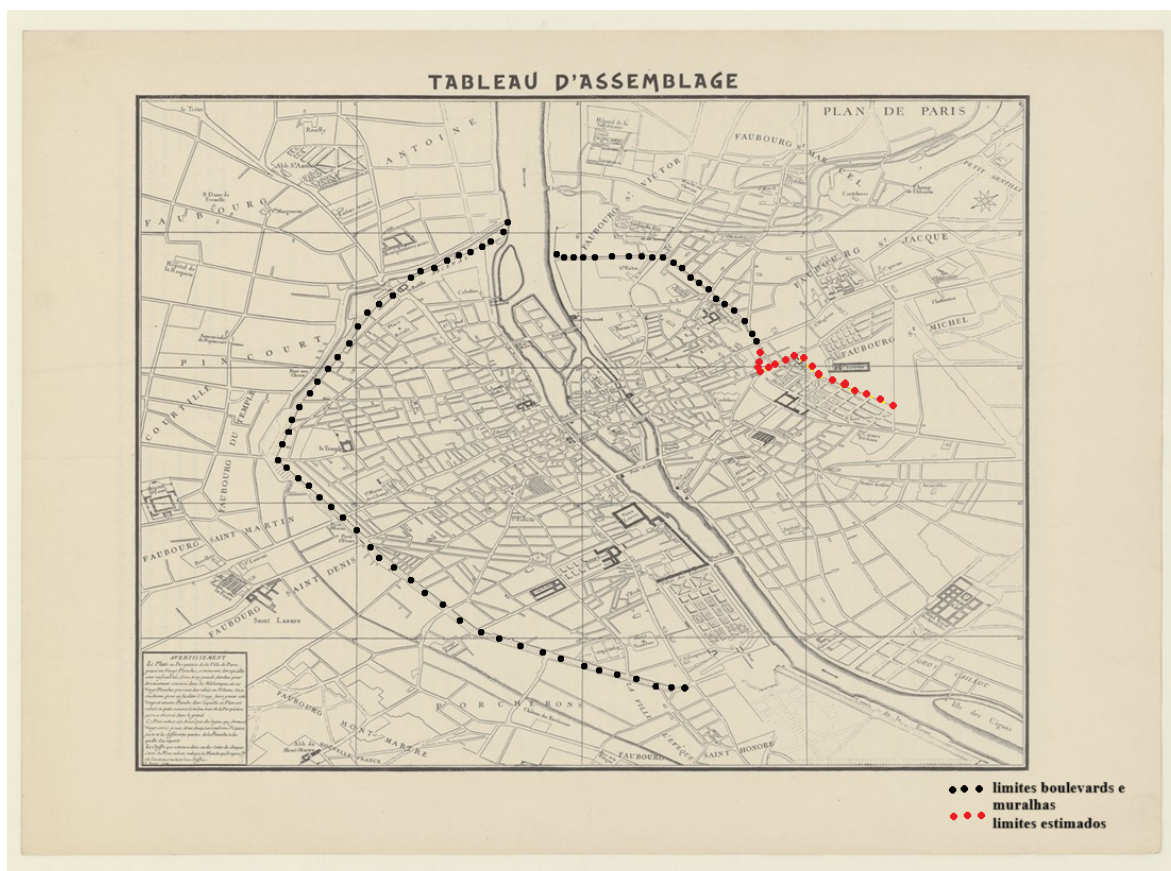
¹⁸ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.43.

¹⁹ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 45.

²⁰ PONTEAU, J. **Le travail des limites de la ville et faubourgs de Paris**, *Annuaire de l'Ecole pratique des hautes*, IV section, 1977-1978, Paris, p.707-745

fronteiras que delimitam o espaço parisiense no século XVIII. Podemos ainda ver com detalhes os edifícios e as ruas que constituiu a formação de uma cidade em expansão, indo aos espaços rurais e se impondo como um gigantesco aglomerado urbano, comparado com outras cidades do século XVIII. A dimensão do mapa permite a observação da forma específica das construções dos edifícios e a lógica de organização espacial na cidade pelos habitantes (imagem 2).

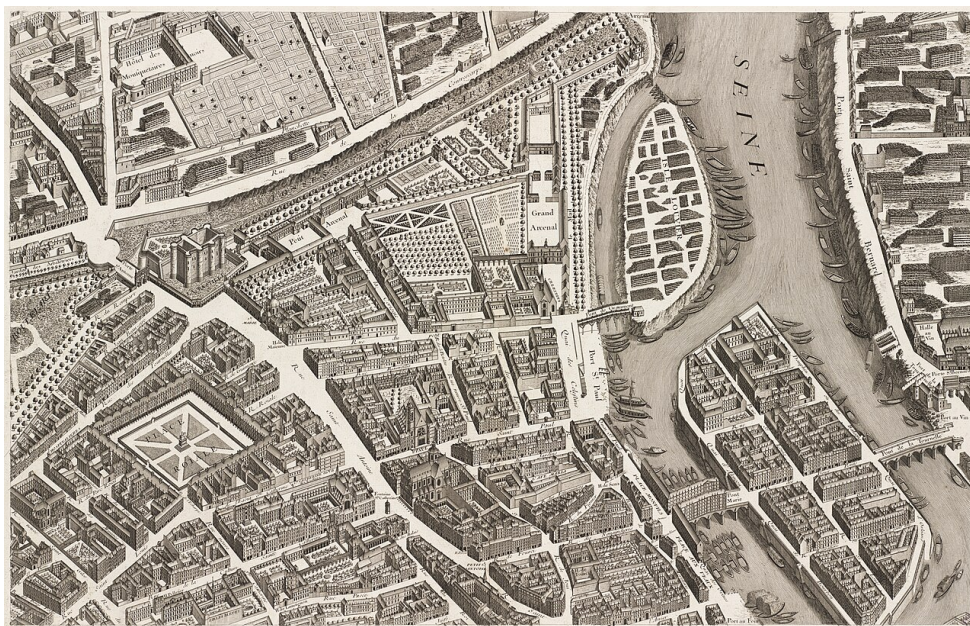
Imagem 1 - Plan Turgot (1734-1739), vista geral com traçado dos limites na *Rive Gauche*



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: TURGOT, Michel Étienne (1690-1751). Auteur du texte. *Paris au XVIIIe siècle. Plan de Paris : en 20 planches...* [plano geral modificado]

Imagem 2 - Plan Turgot (1734-1739), detalhe

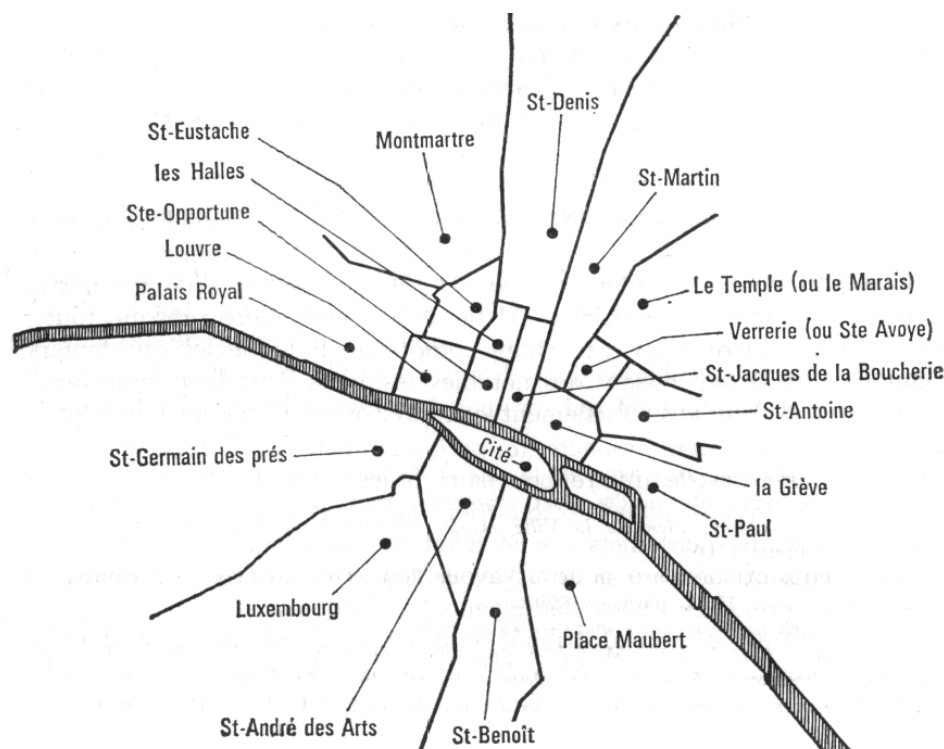


Fonte: TURGOT, Michel Étienne (1690-1751). Auteur du texte. *Paris au XVIIIe siècle. Plan de Paris : en 20 planches...* [prancha 6]

É possível, a despeito das dificuldades para traçar, em meados do século XVIII, os limites entre os bairros e da própria cidade, sobretudo no que diz respeito a *Rive Gauche* (ver pontilhado em vermelho na imagem 1), seguir pistas para traçar possibilidades de enclausuramento da cidade. Dito de outra forma, tanto podemos imaginar os limites da cidade e a expansão urbana ou rural-urbana que transcendia Paris propriamente dita quanto podemos, segundo René Pillorget et Jean de Viguerie, distribuir a setorização da cidade em áreas e fronteiras. Nesse caso, Pillorget e Viguerie trazem limites fluidos da distribuição de setores e bairros, o que não impede de termos aí pistas importantes sobre essa distribuição na cidade (imagem 3).²¹

Imagem 3 - Limites dos bairros de Paris em 1744

²¹ PILLORGET, René, VIGUERIE, Jean de. Les quartiers de Paris aux XVIIe et XVIIIe siècles. In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 17 N°2, Avril-juin 1970.



Fonte: PILLORGET, René, VIGUERIE, Jean de. Les quartiers de Paris aux XVIIe et XVIIIe siècles. In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 17 N°2, Avril-juin 1970, p.271.

Diante dessa perspectiva de distribuição feita por Pillorget e Viguerie, compreendemos espacial e mais concretamente uma disposição dos setores da cidade de Paris em meados do século XVIII. Ao considerarmos essa disposição, sobrepomos os planos cartográficos mentalmente (imagem 1), ficando evidente, em primeiro lugar, as desproporções entre as ocupações no lado direito e esquerdo do Sena, com o predomínio da expansão à direita (*Rive Droite*). Em segundo lugar, parecem mais claros os limites no lado direito, talvez em função da maior densidade urbana, pautada por edificações e demais mobiliários da cidade. Por fim, os limites evidentes postos pela muralha e boulevard ajudam a definir à direita o que seria o espaço parisiense. Por fim, podemos, diante dessas observações, imaginar que uma certa administração do espaço e uma lógica de ocupação social-urbana tendeu a concentração populacional em região limítrofes ou próximas da Prefeitura (Mairie de Paris), localizada na Place de la Grève, e também em espaços onde se concentravam comércio e abastecimento de víveres (*les Halles*).

1.2 - O processo das mudanças urbanas na cidade de Paris no século XVIII

De acordo com Ricardo Vélez, entre o período da Renascença e o final do século XVIII, na cidade de Paris, foram elaborados alguns grandes planos do seu território. Um

exemplo de modelo cartográfico mais antigo foi nomeado de Plano da Tapisserie, o qual é referência para a construção do Plan Turgot. Criado em 1570, o Plano da tapisserie foi, tanto em sua metodologia quanto sua necessidade de produção, utilizado para elaborar o modelo da cartografia de 1739, em função de ser uma imagem do alto da cidade e que em termos geográficos refere-se como mapa voo de pássaro. Em 1705, há o plano de Paris, desenhado por Antoine Coquart. Em 1725, desenhado pelo mesmo profissional A. Coquart, produziu-se outro Plano de Paris para o *Traité de la police* a mando de Félibien e Lobineau. Após esse momento, há a elaboração do Plan Turgot, entre 1734 e 1739. Ainda segundo Velez, em 1748, 1775 e 1793 seguiram-se os planos de Deharme (Plano de Paris), Edne Verniquet (O Plano da cidade) e o Plano dos artistas feito por antigos participantes da Academia Real de Arquitetura, a qual inspirou muitas obras arquitetônica do século XIX. Nesse contexto, as necessidades e objetivos para a produção cartográfica variam muito segundo Velez. No entanto, um aspecto que se repete como um dos fatores impulsionantes à criação de cartografias urbanas em variados períodos foi o crescimento populacional. Para controlar um certo domínio no território e para lidar com a população segundo um sistema mais administrável, a cidade de Paris passou por sucessivas reformas que modificaram seu caráter arquitetônico. Uma crescente massa de indivíduos vinham sendo distribuídos pela nova forma de cidade.²²

As modificações dos edifícios que iriam portar uma indústria, a redistribuição espacial das ruas e dos bairros em função de uma efetiva mobilização de matérias primas e produtos, assim como a preocupação de uma construção urbana em parâmetros sanitários e o alto números de crimes foram uns dos fatores que fez ser necessário a reconstrução do corpo de Paris, no século XVIII. De acordo com Daniel Roche, as medidas com finalidades a controlar o crescimento de Paris no século XVIII se enraizam em motivações múltiplas.²³ Dentre elas, o desejo de demarcar um limite aos números de parisienses privilegiados em relação a isenções fiscais, manifestados com estruturas fronteiriças na cidade, o temor a epidemias, acentuado pela expansão do povoamento, a necessidade de suprir os abastecimentos da população, preocupação, contudo, de diminuir o alto índice de violência nas ruas foram fatores que impulsionaram mudanças na estrutura do corpo urbano da cidade. Administrativamente, uma fase decisiva aparece em 1702. O governante do momento, Luís XIV, impôs ações para atender as necessidades da limpeza e do policiamento da cidade. Para regular o aumento significativo de habitantes e equilibrar a cidade junto com os bairros

²² VELEZ, Ricardo. **Paris das luzes segundo o plano de Étienne Turgot (1739)**. Publicado em 07/06/2020.

²³ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.39-40.

antigos, o rei e seus representantes dentro dos bairros, assim como muitos comerciantes da época, movimentaram construções urbanas de variadas formas. Nos primeiros 30 anos do século, os espaços do território equivalem a menos de mil hectares, já entre 1760 a 1790, a cidade comporta 3400 hectares.²⁴

A cidade de Paris do século XVIII passou por uma contínua reorganização espacial e, para seus moradores, a imagem das mudanças não deixou de ser importante. No Plan Turgot, a reorganização espacial, a forma de organização dos domicílios e o encadeamento das ruas demonstram as preocupações das regras de construções dos edifícios. Nesse sentido, existe uma dimensão estética na imagem cartográfica que descreve o modo como está sendo pensando a organização do espaço nesse período, como pode ser percebido pelas pranchas desenhadas por Louis Bretez sob encomenda de Turgot (um exemplo aparece na imagem 2). Esses movimentos da construção da cidade conferem a Paris particularidades físicas, como a distribuição do espaço por uma lógica médica e suas regras sanitárias de preservação do corpo humano. O objetivo da construção estava voltado para prevenir, combater certas doenças e manter a qualidade de vida das pessoas, tentando promover um certo bem-estar coletivo. Os habitantes do sítio, preocupados com questões como a circulação do vento e a adequação de esgotos para as ruas, modificam o corpo da capital. Esse processo histórico da forma urbana de Paris decorre a partir de duas etapas que por muito tempo lhe orientaram o desenvolvimento. Para Daniel Roche, dois modelos de urbanismos complementares, podendo ser contraditórios em alguns momentos, colocaram uma morfologia nova para a extensão social da cidade. De um lado, um urbanismo livre e selvagem, aberto às iniciativas de grupos particulares. Era constituído e mobilizado por pequenos agentes que reconstruíram partes da cidade em crescimento. Essas investidas eram feitas, principalmente, a partir de especuladores e constituía a desconfiguração fisionômica dos bairros antigos e, simultaneamente, davam lugar a novos conjuntos imobiliários. De outro lado, a monarquia e seus agentes desenvolviam projetos de construções urbanas em decorrência da continuidade do fortalecimento dos papéis de Paris como capital. Nesse sentido, uma magnificência de edificação e de decoração, controlada e com visibilidade triunfal ganham forma dentro do espaço parisiense.²⁵

O intervencionismo arquitetônico da monarquia se fez acompanhar a partir de um urbanismo da circulação que interferia gradativamente na vida de todos. O secular período

²⁴ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004.. p. 43.

²⁵ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 63.

das Luzes carrega ainda o ideal do século XVII, que se baseava em uma consciência mais forte da cidade como lugar dos homens, das trocas, do tráfico de mercadorias e da generalização de projetos mais funcionalistas e mais econômicos. Os aristocratas, príncipes, as grandes famílias e seus administradores de negócios se davam como dever a construção da nova cidade. Dessa maneira, fica evidente que, as ações de reforma da estrutura urbana, por parte dos aristocratas, se deveu ao fato de possuírem uma responsabilidade organizacional do perímetro territorial. A crescente população precisava de mais espaços e lugares adequados à vida na cidade. Os influentes governantes, por meio de uma engenharia social, redesenharam a capital e a transformaram em um modelo de construção arquitetônica. Outro aspecto importante para alteração da estrutura da cidade, destacado por Roche, é a preocupação do aumento significativo das áreas periféricas. Os subúrbios, que afrontavam as regras de organização da cidade, faziam com que desenvolvessem várias iniciativas da corte para controlá-lo. Novas necessidades, sobretudo uma recente consciência corporal vinculada a manutenção de vitalidade por noções higiênicas, assim como a preocupação de um maior controle dos altos índices de segurança na cidade, fizeram com que o rei e seus súditos tivessem que sanar medidas adequadas a essas exigências.²⁶

No caso dos especuladores, a ação se dava pela organização de empreendimentos de construção dos bairros recentes. Os próprios construtores, investidores, banqueiros, financistas, arrematadores dos impostos régios que loteavam, congelavam, compravam, e também, constituíam os locais livres. Esse conjunto de personagens jogavam alto nas ações que mais subvertiam a estrutura urbana oficial, iniciando operações limitadas e redondas no centro, porém, de grande lucro e permitindo ainda uma extensão da periferia. O urbanismo livre constituiu-se a partir de iniciativas próprias da população, ou seja, do povo parisiense. Neste período, do começo do século XVIII, a atração de uma grande taxa de imigrantes, de variadas partes do mundo, e o alto índice de nascimento de pessoas fez com que mudasse, de certa forma, o caráter social da cidade. Essas pessoas vinham por diversos motivos: a busca de um trabalho nas grandes indústrias, o ofício mesmo das construções urbanas da cidade e o grande centro de comércio localizado principalmente nas fluviais do rio Senna. Paris atraía o mundo inteiro e era vista como um modelo de cidade que comportaria uma estrutura extra-temporal, fora dos padrões da época. É uma nova organização do espaço parisiense, formada por uma nova geração de pessoas.²⁷

²⁶ ROCHE, Daniel. O povo de Paris. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 64 e seguintes.

²⁷ ROCHE, Daniel. O povo de Paris. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 65.

1.3 - Os motivos para alteração do corpo da cidade

De acordo com Desceman e Nagle, no século XVIII, as reformas urbanas se valeram da lição das decisões régias que fizeram de Paris uma cidade aberta, desembaraçada de sua muralha antiga e coercitiva, para assim dar livre curso à ação do chefe de polícia e seus agentes. O modelo de séculos anteriores de uma cidade ainda fechada no seus limites de crescimento e na fronteira de sua delimitação territorial era ultrapassado por um novo tipo de cidade que permitia a entrada de grandes massas de pessoas vindo de variados lugares.²⁸ Paris se tornara tão grande que chegou a ser difícil ter uma precisão de sua imensidão. É dessa forma que Haneul identifica a afirmativa de Delamare e Le Cler du Brillet, em *Traité de la police*, publicado em 1738, que ressalta ser “necessário fixar a extensão ou o tamanho de uma cidade [referência à cidade de Paris], para que ela não pereça pelo seu próprio peso”.²⁹

Dentro desse contexto, a cidade de Paris obteve diversos motivos para alteração da estrutura física do território. De acordo com Ricardo Vélez, assim como o rei, o prefeito também estava preocupado com um planejamento urbano, pois muitas questões estavam transbordando na cidade. O alto índice de crescimento populacional gerou uma onda sistêmica de dificuldades de sobrevivência naquele espaço. Grandes índices de assaltos, roubos e mortes eram registrados e colocados como consequência de um crescimento desenfreado da cidade. Dessa forma, o aumento da população e os crescimentos dos subúrbios assustavam os administradores do local. Para tentar controlar esse ritmo de crescimento urbano foi necessário fixar um tamanho da cidade. Com auxílio de um mapa táctico, os agentes administradores poderiam calcular estratégias para que esse espaço ficasse sob controle da monarquia.

Ricardo Velez compreende ainda que o regime monárquico, fiel a uma certa delimitação do território de Paris, calculou os motivos da reconstrução de algumas ruas e edifícios de acordo com exigências relacionadas ao difícil abastecimento de alimentos, a dificuldade de preservação uma certa ordem pública, a complicação comunicativa entre os bairros e a preocupação de designar espaços destinados a produção de alimentos como

²⁸ DESCEMAN, R., NAGLE, J.. Espace et fonction sociale: les quartiers de Paris du Moyen Age au XVIII siècle, *Annales E.S.C.*, 1979, pp.966-983.

²⁹ HAROUEL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. (Tradução de Ivone Salgado). 4a. Edição. Campinas: Papirus, 2004, p. 61.

legumes e frutas. O rei obstinado a tentar controlar o crescimento da cidade impôs trabalhos de elaboração de ruas adequadas que facilitassem a circulação entre bairros e áreas centrais.³⁰

Há, contudo, uma preocupação muito fundamental e importante, ligada à circulação do ar e a redistribuição dos esgotos na cidade como fator impulsionante da reforma urbana. Michel Etienne Turgot desempenha um grande papel nesse sentido. Entre 1729 e 1740, a administração do "proboste des marchands", uma espécie de prefeito que cuidava de assuntos como o abastecimento e a limpeza da cidade, reconduziu as reformas urbanas ao modelo sanitário da época.³¹ Parece-nos claro que as novas compreensões do corpo humano pela medicina do começo do século XVIII influenciou o modelo de organização das ruas e edifícios de uma cidade. A medicina da época já tinha desenvolvido uma compreensão de que o ambiente habitacional organizado sob uma lógica higiênica reduzia o proliferamento de doenças sérias, como a peste. O conhecimento médico norteava a lógica de organização das casas e edifícios para a adequação à vida na cidade.³² Daí entendermos que o entendimento da higiene como fator condicional da saúde humana foi incorporado nas ruas da capital. Turgot, como uma de suas iniciativas, em 1740, com o auxílio do Plan Turgot, abriu uma pista de rolamento para bueiros na rua de Ménilmontant. É uma obra destinada a substituir as antigas sarjetas, que desde a Idade Média, se encontravam no meio da rua.

³⁰ VELEZ, Ricardo. Paris das luzes segundo o plano de Étienne Turgot (1739). Publicado em 07/06/2020.

³¹ VELEZ, Ricardo. Paris das luzes segundo o plano de Etienne Turgot (1739), publicação 07/06/2020.

³² Sobre a questão sanitária no fim do mundo moderno, ver MANTOVANI, Rafael, MARQUES, Maria Cristina da Costa. Higiene como prática individual e como instrumento de Estado, História, ciências, saúde. Manguinhos, v.27, n.2, abr.-jun. 2020, p.337-354.

Capítulo II

A produção do Plan Turgot

“O povo vive sua vida, vive sua cidade”

Daniel Roche

2.1 - O contexto da produção do Plan Turgot

Para constituir uma história da cartografia da cidade de Paris do século XVIII, o modo como se projeta a imagem da cidade em suas plantas é muito significativo. A representação da cidade nas cartografias nos fornece um conteúdo rico de representações para poder descrever uma imagem deste espaço excepcional. Colocando o Plan Turgot em perspectiva, podemos ter um esboço da reconstrução do corpo urbano segundo a lógica de maquete arquitetônica, o que nos permite ver como se reorganizavam os espaços de acordo com os objetivos de uma engenharia urbana específica. Em favor do alto índice de crescimento populacional, os planos de modificar partes da cidade para adequação à vida no território representavam uma nova lógica de organização e, de acordo com Daniel Roche, somente entre o período de 1718 a 1722, houve mais de 44 construções, 25 reconstruções e 102 restaurações realizadas nos edifícios e ruas na cidade de Paris.³³ As estratégias de organização espacial do século XVII, aproximadamente 1674, como a planta de Louvain de Rochefort, foram ultrapassadas pelos planos produzidos no século XVIII. Alguns métodos ou requisitos principais para construções de bairros, edifícios e ruas se alteraram em comparação com modelos anteriores. Desse modo, as alterações do corpo urbano no século XVIII representam uma diferente forma de construir a cidade. Havia uma nova lógica de organização do espaço, comparado com outros séculos. Em comparação com a organização da cidade do Antigo Regime, na qual as construções eram movimentadas, em grande parte, pelos atores aristocráticos e clérigos, a cidade do século XVIII abriu espaço para outros diversos personagens alterarem sua estrutura urbana, como os comerciantes.³⁴

³³ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.144.

³⁴ PRONTEAU, J. Le travail des limites de la ville et faubourgs de Paris, *Annuaire de l'Ecole pratique des hautes*, IV section, 1977-1978, Paris, pp.707-745.

De acordo com Daniel Roche, as modificações urbanas parisienses, no século XVIII, se processaram a partir de como a população fez aparecer uma consciência nova da cidade.³⁵ A consciência de uma nova relação com o espaço se devia, segundo compreendemos, ao fato da grande cidade estar em condições de um crescimento demográfico de larga escala. Por meio de uma nova experiência da população diante das necessidades de sobreviver, no século XVIII, a cidade avançou na orientação das aldeias suburbanas, em um ritmo de expansão difícil de precisar.³⁶ Nesse contexto, surgem questões relacionadas ao modo como os atores organizaram planos para esse território. Até que ponto as formas de sociabilidades influenciaram o desenvolvimento da forma que se construiu a cidade?

2.2 O Plan Turgot

Em 1734, Louis Bretez, um desenhista, cartógrafo e designer de ornamentos arquitetônicos e membro da Académie de Saint- Luc, foi contratado por Michel-Etienne Turgot, prefeito de Paris, para a construção de um mapa da cidade. As tentativas de controlar o crescimento da população e do espaço urbano da cidade por Louis XIV fizeram com que Michel Etienne Turgot, personalidade importante no meio dos comerciantes ficasse a cargo de construir uma imagem da cidade, atualizando-a segundo parâmetro sanitário da época.³⁷ Com esses desafios pela frente, o autor de *La perspective pratique de l'architecture*, de 1706, Louis Bretez recebeu a encomenda de Turgot em 1734 e, com isso, ficou responsável por produzir a cartografia da cidade de Paris. O mapa foi elaborado com a marcação e as possíveis construções das redes de esgotos do centro da cidade, assim como o mapeamento da nova extensão territorial e os espaços ocupados na cidade. O desenho das linhas que marcam as ruas e a distribuição dos prédios, regiões, igrejas, estabelecimentos de polícias, casas populares e a delimitação de novos bairros no corpo da cidade revelaram uma organização própria de seu tempo. A novidade da estrutura das redes de esgotos espalhada por uma boa parte do território estão expostas no mapa de Turgot e comportam uma lógica específica de organização do espaço. Esse movimento desenhado por Bretez que vai nos mostrar a forma como as pessoas já nesta época estavam pensando sobre a organização de uma grande cidade.

³⁵ ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.40.

³⁶ PRONTEAU, J. **Le travail des limites de la ville et faubourgs de Paris**, *Annuaire de l'Ecole pratique des hautes*, IV section, 1977-1978, Paris, pp.707-745.

³⁷ VÉLEZ, Ricardo, **Paris das luzes segundo o plano de Etienne Turgot (1739)**, publicação 07/06/2020

De acordo com Jean-Robert Pitte, desde o século XVI até os dias mais recentes, a cidade de Paris foi representada e cartografada. Para ele, sem dúvidas, o Plan Turgot, dentro todos os outros mapas da cidade, é um dos mais importantes, pois foi o último a capturar a imagem da cidade sob o ângulo voo de pássaro, uma vista de cima, aérea, produzida com todo o conjunto do corpo urbano. Jean-Robert Pitte deixa claro ainda que a reedição das pranchas em 1989, elaborada por Bernard Rouleau, nos dá uma melhor oportunidade de entender esse trabalho hoje. Ao desenhar os planos segundo perspectiva precisa, o Plan Turgot representou de modo detalhado as construções urbanas, sobretudo por causa do efeito de contraste e da iluminação e seus sombreados que deram a dimensão de profundidade 3D comum em maquetes e incomum em mapas. Desse modo, parece-nos importante destacar que Bretez, elaborador técnico do grande mapa, alinhava-se ao esforço de apresentar com grande precisão as possíveis fachadas dos mobiliários urbanos, dando ênfase aos portais de igrejas. Bretez utilizava papéis vegetais e desenhava esboços que possibilitaram a finalização dos traços artísticos sobre a cidade parisiense do meado do século XVIII. Jean-Robert Pitte explica que Bretez desenhava quarteirão por quarteirão, organizando-os posteriormente para o conjunto que era marcado por uma placa. Assim, Bretez traçava os edifícios em elevação, para que a escala de cada um pudesse seguir a regra comum em proporção de suas alturas. É dessa forma, em uma lógica artística junta com critérios geográficos, que Bretez misturava saberes de áreas diferentes e, para construir o mapa, dava uma sensação de maquete à representação cartográfica bidimensional. Um detalhe, por fim, que é destacado por Pitte, refere-se ao efeito de perspectiva presente no mapa. As ruas precisavam ser maiores e mais largas do que a forma real, vista na cidade física, pois assim, era possível evitar que os telhados das casas não as escondessem. Daí uma manipulação de dimensões em três ou quatro vezes maiores, diretamente ligada ao efeito realístico da imagem. Já os monumentos da cidade e os quarteirões eram representados para serem vistos de três quartos.³⁸

Podemos observar ainda, sobre o trabalho de Bretez, o plano de montagem da cartografia. Precedida de um plano geral e amplo, o livro em edição de luxo é composto por 20 folhas que dão a ver os 20 planos parciais da cidade. A moldura tem 73 centímetros de largura, resultando em uma superfície total de 316 centímetros por 245 centímetros. O engajamento artístico para representar a imagem da cidade do século XVIII pode ser visto não apenas pela qualidade dos mapas e cuidados criteriosos de manipulação de escalas, mas também pela apresentação de insígnias que trazem o brasão real e moldura que delimita o

³⁸ PITTE, Jean-Robert (dir.). **Paris, histoire d'une ville**. Paris: Hacette, 1993, p.80.

título da cartografia. Imaginamos, assim, o caráter monárquico e sua estética como um dos parâmetros do desenho de Bretez . ³⁹

Imagem 4 - Detalhe de brasão e apresentação do Plan Turgot



FONTE: TURGOT, Michel Étienne (1690-1751). Auteur du texte. *Paris au XVIIIe siècle. Plan de Paris : en 20 planches...* [pranchas 18 e 19]

Diante dessas informações que compõem os aspectos da construção do Plan Turgot, resta-nos saber quem foi Michel Étienne Turgo, o responsável por contratar Louis Bretez. Michel Étienne Turgot (1690-1751), originário de uma família de nobres da Normandia e pai do famoso ministro liberal de Luís XV, Anne-Robert-Jacques Turgot (1727-1781), foi membro da magistratura do Parlamento de Paris. Em 1729, Luis XV o nomeou preboste dos comerciantes de Paris (“Prévot des marchands”), uma espécie de Prefeito para cuidar dos assuntos ligados à limpeza e abastecimento da cidade; nesse cargo permaneceu até 1740. É em função desse cargo de prefeito e da influência que M. Turgot ficou responsável pela criação do planejamento cartográfico que pudesse auxiliar na transformação urbanístico-arquitetônica para reordenar Paris.

No relativo às atividades de planejamento, o administrador Turgot adquiriu, em 1737, para o acervo da Prefeitura, o denominado Plano da *Tapisserie* (elaborado em 1570 e desaparecido possivelmente nos incêndios da Revolução de 1789). Outra providência foi a ordem para elaborar o famoso Plano da cidade, entre 1734 e 1739. A ideia de Turgot era, sem dúvida, estabelecer uma comparação da Paris da sua época com a revelada no Plano da *Tapisserie*, a fim de dar a vera forma em que tinha se efetivado o crescimento da cidade. Isso poderia resultar em ações para prever os futuros desdobramentos da política de planejamento

³⁹ VELEZ, Ricardo, **Paris das luzes segundo o plano de Etienne Turgot (1739)**, publicação 07/06/2020.

do espaço urbano. De certa forma, Turgot pretendia, também, oferecer ao viajante um guia confiável da cidade, que possibilitasse a rápida identificação de ruas, monumentos e bairros. Para isso foi adotado o modelo de plano “a voo de pássaro”, que ajuda a explicar a referência do Plano da *Tapisserie*, que havia introduzido essa técnica de apresentação aérea.⁴⁰

A partir da comparação entre a cartografia da *Tapisserie* e o *Plan Turgot* (ver Imagem 5), podemos ver a semelhança de modelo de mapas. Parece-nos que Plan Turgot foi desenvolvido de acordo com o parâmetro geral de cartografia da *Tapisserie*, sendo evidente o acréscimo da extensão territorial urbana. No entanto, há mais diferenças entre essas imagens. À esquerda, o Plan de la Tapisserie representa a imagem da cidade de Paris no século no século XVI, à direita, vemos o Plan Turgot, de 1734-1739, montado com a justaposição das 20 pranchas. O detalhe da separação das ruas, os ornamentos que envolvem os edifícios, e que servem melhor para a identificação das ruas, fornecem ao Plan Turgot uma particularidade em relação ao seu modelo de inspiração. A mais visível é a ideia de perspectiva que, até no conjunto, se destaca, dando valor mais realista ao mapa de Bretez. Mas podemos perceber também que, no Plan de la Tapisserie, a imagem da cidade tende a ser ampliada para se ter uma forma mais regular. Segundo Jean Boutier, os mapas dos séculos XVI e XVII estão menos ligados aos aspectos topográficos e mais preocupados em inserir Paris na tradição das capitais do mundo. Nesse sentido, formas mais perfeitas, regularidade e obediência às regras cartesianas constituem um elemento fundamental.⁴¹ Entendemos, assim, que partindo de modelos parecidos, a considerar a dita imagem de voo de pássaro, chega-se a representações diferentes. Na *Tapisserie*, o ideário se ligava à forma solar que punha Paris como eixo central da vida francesa. Já no Plan Turgot, o desenho e a geometria obedeciam os parâmetros da lógica administrativa e se orientava pela dimensão mais própria do cálculo que, ao longo do século, ia se impondo como próprios ao mundo das Luzes.

Ao expressar de maneira clara os valores que começavam a predominar durante a Ilustração Francesa, O Plan Turgot mostra uma nova lógica e, segundo Vélez, isso ficou evidente no contrato assinado entre o preboste Turgot e Bretez em 17 de janeiro de 1734. Traduzido por Ricardo Vélez, fica evidente que o próprio contrato já se alinhava ao

⁴⁰ Os dados biográficos de Turgot e a sugestão sobre a relação cartográfica entre o mapa *Tapisserie* e o Plan Turgot são apresentadas em: Vélez, Ricardo, **Paris das luzes segundo o plano de Etienne Turgot (1739)**, publicação 07/06/2020.

⁴¹ BOUTIER, Jean. **Les plans de Paris des origines (1493) à la fin du XVIIIe siècle**. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2001, p.13-14.

empreendimento de uma representação que, ainda hoje, compreendemos como realista e constituída em uma transposição verossímil entre real e imagem:

“Nós (...) da Repartição da Cidade [Le bureau de Ville], (...) a cidade fosse representada levando em consideração a perspectiva e o relevo, e com essa regularidade que torna possível reconhecer, de forma individualizada, os edifícios e os monumentos públicos e, ainda, aqueles prédios que, postos a serviço de muitos cidadãos, lembram a memória dos grandes mestres da arquitetura. Enfim, estamos convencidos de que, ora os monumentos sejam considerados separadamente, ora olhados como integrando um único conjunto na sua espécie (...) o senhor Louis Bretez, com quem pactuamos o seguinte: ele entregará em dezembro de 1735 (...) um plano desenhado, de forma acabada, à mão, e gravado sobre pergaminho fino (...), representando, em perspectiva e a vôo de pássaro, tanto esta vila de Paris, quanto os subúrbios dela, onde serão identificados todas as igrejas, edifícios, praças, hotéis e mansões particulares, bem e claramente definidos”.

As técnicas de produção utilizadas envolvem várias práticas. O plano encomendado pelo prefeito inovou, segundo Vélez, a partir de um ângulo técnico, pois os outros planos realizados anteriormente resultaram de rigorosos cálculos geométricos.⁴²

Imagem 5 - Plan de la Tapisserie et Plan Turgot



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/>

A composição da equipe que trabalhou no Plan Turgot envolveu vários atores. Em 1734, Luiz Bretez, acompanhado por um desenhista de nome Saury, traçaram o que seria o

⁴² VÉLEZ, Ricardo, **Paris das luzes segundo o plano de Etienne Turgot (1739)**, publicação 07/06/2020.

plano. Em 1738, quando Bretez vem a falecer. Desse modo, Turgot, deixou o projeto em outras mãos, a de Antoine Coquart, um gravador de topografia bem conhecido na época. O substituto ficou responsável pela finalização da obra, junto com seu auxiliar de nome Claude Lucas, outro desenhista.

Considerações finais

Considerando as análises de Richard Sennett⁴³ sobre os tipos de sociedade em uma relação urbanística, compreendemos a possibilidade de classificar a cidade de Paris do século XVIII como uma sociedade de caráter carne (e não de pedra). Dificilmente teríamos como afirmar com certeza, diante das observações sobre o Plan Turgot, se as construções urbanas do período punham em primeiro plano as dimensões humanas e ligadas à manutenção e à sobrevivência das pessoas que nesse espaço faziam suas moradias. Porém, destacando que esse planejamento e representação da cidade estava ligado às regras de higiene, mobilidade e compreensão das transformações populacionais, parece-nos possível lidar com uma imagem menos totalizante e controladora do espaço. Difícil, ressaltamos, diante da pesquisa feita, dar um veredito mais acabado ou enfático.

Na racionalidade parisiense do século XVIII, o pensamento médico estava em torno da organização espacial. De acordo com Daniel Roche, até os materiais utilizados pelas construções dos edifícios e ruas eram regulamentados ou pensados na lógica higienista. A pedra de cantaria, usada nas paredes das casas e nas ruas (paralelepípedos), era preferível comparado aos velhos laços de madeira das casas mais antigas. Os materiais eram escolhidos a partir de sua eficiência na ajuda da manutenção da vida humana. Nesse contexto, o gesso surgia como um material benéfico dentro dessas condições. Na velha medicina, esse material, o gesso se beneficiava grandemente das cargas simbólicas. Por secar e ter coloração branca, era visto como um agente eficaz contra o mal da umidade e do escuro. Colocado nas paredes e tetos, o material passou a ter uso em função da luta contra a umidade. É desse modo que o gesso foi utilizado, para deixar os materiais mais secos e assim prevenir futuros incêndios.

Daniel Roche salienta ainda que, os médicos regulam as construções urbanas e delimitam a altura dos edifícios, suas posições em referência de não serem possíveis obstáculos à circulação do ar. Nada de casas muito grandes e nem muito baixas. O foco era na umidade corruptora. Esses elementos que compõem as regras das construções urbanas significa que nesse ambiente circula uma atmosfera diferente das sensibilidades dos gestos, dos estilos de viver e de uma dita conduta do lar.⁴⁴

De certo modo, a leitura do Plan Turgot nos leva a pensar em mecanismos de controle, mas sobretudo na melhoria dos sistemas higiênicos da estrutura urbana. Caberia saber, como possibilidade de pesquisa futura, em que medida o planejamento cartográfico

⁴³ SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro:ABDR, 1997.

⁴⁴ ROCHE, Daniel. O povo de Paris. São Paulo: EDUSP, 2004. p.148-149.

empreendido por Turgot, além de organizar um trabalho cartográfico da cidade, efetivamente pôde ser transposto para a cidade em ações em partes de ruas, edifícios e ainda na instalação de sistemas novos de esgoto.

Fontes e referências bibliográficas

Fontes

TURGOT, Michel Étienne (1690-1751). **Paris au XVIIIe siècle. Plan de Paris : en 20 planches, dessiné et gravé sous les ordres de Michel-Étienne Turgot, Prévôt des Marchants. Commencé en 1734 - Achevé de graver en 1739. Levé et dessiné par Louis Bretez.** Paris: A. Taride, Éditer, [1739]. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530111615/f1.item>>. Acesso em 01/03/2025.

[PLAN de Paris, dit Plan de la Tapisserie]. dessin. vers 1570. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6902600j.item#>>. Acesso em 01/03/2025.

Referências bibliográficas

BOUTIER, Jean. **Les plans de Paris des origines (1493) à la fin du XVIIIe siècle.** Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2001.

COMBEAU, Yvan. **Histoire de Paris.** Paris: PUF, 1999.

CHOAY, F. **A regra e o modelo.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

COUSSI, O. La *Smart City* comme nouveau mythe rationnel de l'intelligence territoriale, **Droit et Ville**, vol. 93, no. 1, p. 177-201, 2022.

DESCEMAN, R. , NAGLE, J. Espace et fonction sociale: les quartiers de Paris du Moyen Age au XVIII siècle, **Annales E.S.C**, 1979, pp.966-983.

FERREIRA, Daniel Wanderson. **A construção plural do espaço social urbano, político e administrativo: Um estudo sócio-histórico de Paris no século XVIII.** Projeto de Iniciação Científica. Edital 11/2024/ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação/UFOP. Ouro Preto: UFOP, 2024.

KLEIN, Olivier. L'urbain et l'humain, **Constructif**, 2022/3 (N° 63), p. 4-5.

MANTOVANI, Rafael; MARQUES, Maria Cristina da Costa. Higiene como prática individual e como instrumento de Estado. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr.-jun. 2020, p.337-354. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000200002>. Acesso em 19/01/2025.

PITTE, Jean-Robert (dir.). **Paris, histoire d'une ville.** Paris: Hachette, 1993.

PRONTEAU, J. **Le travail des limites de la ville et faubourgs de Paris**, Annuaire de l'Ecole pratique des hautes, IV section, 1977-1978, Paris, pp.707-745

ROCHE, Daniel. **O povo de Paris.** São Paulo: EDUSP, 2004.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra.** Rio de Janeiro:ABDR, 1997

VELEZ, Ricardo. **Paris das luzes segundo o plano de Étienne Turgot (1739)**. Publicado em 07/06/2020. Disponível em: <https://www.ricardovelez.com.br/blog/paris-das-luzes-segundo-o-plano-de-etienne-turgot-1739>. Acesso em 06/12/2024.